



LIDIA MARÔPO

**Identidade e estigmatização:
as notícias na perceção de crianças e jovens
de um bairro de realojamento**

Análise Social, 210, XLIX (1.º), 2014

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



Análise Social, 210, XLIX (1.º), 2014, 104-127

Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento. Este artigo apresenta os resultados de uma investigação-ação com crianças e jovens de um bairro de realojamento sobre os seus processos de construção identitária face aos discursos frequentemente estigmatizantes dos *media*. Concluimos que a experiência da violência no bairro e a representação noticiosa acerca deste fenómeno (percebida como a principal causadora da má imagem externa da comunidade) marcam significativamente o grupo estudado, contribuindo para construções identitárias que classificamos em três categorias: a identidade angustiada, a identidade desconfiada e a identidade estigmatizada.

Palavras-chave: crianças e jovens; representação noticiosa; identidade; estigmatização.

Identity and stigmatization: the news discourse on the perception of children and young people from a social housing. This article presents the results of an action research with children and young people in a social housing about their identity construction in face of the often stigmatizing media discourses. We conclude that the experience of violence in the neighborhood and its news representation (perceived as the main cause of the community bad external image) mark significantly the group studied, contributing to identity constructions that we classify into three categories: anguished identity, suspicious identity and stigmatized identity.

Keywords: children and young people; news representation; identity; stigmatization.

LIDIA MARÔPO

Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento

INTRODUÇÃO¹

A nossa proposta neste trabalho é analisar processos de construção identitária entre crianças e jovens de um bairro de realojamento face, nomeadamente, aos discursos frequentemente estigmatizantes dos *media*. Para isso, recorreremos a metodologias qualitativas aplicadas em encontros semanais com cerca de 15 crianças e jovens, entre os 9 e os 16 anos, no “Projeto Esperança”. Esta associação sem fins lucrativos é financiada pelo “Programa Escolhas” do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) que, segundo o seu *site* oficial, visa “promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos vulneráveis, particularmente descendentes de imigrantes e minorias étnicas”.

Durante nove meses, entre agosto de 2011 e maio de 2012, realizámos grupos de foco, entrevistas, observação participante e utilizámos especialmente metodologias visuais participativas, que incluem a produção de vídeos e fotos pelas crianças e jovens. Estas práticas metodológicas, que analisaremos com mais detalhe neste artigo, procuram aliar investigação e ação, estimulando entre os sujeitos investigados uma reflexão crítica sobre os seus direitos e identidades.

Levamos também em consideração de forma central neste estudo o que Ulrich Beck (1998, p. 78) chama de biografização dos jovens. Embora sujeitos a constrangimentos decorrentes da estrutura social, estes possuem também

1 Agradeço especialmente ao Daniel Meirinho, idealizador do Projeto Olhares em Foco, e aos vários técnicos do Projeto Esperança pelo apoio fundamental ao trabalho no terreno. Agradeço também aos professores Cristina Ponte (FCSH-UNL), João Pissarra Esteves (FCSH-UNL) e Ricardo Campos (CEMRI-UAB). Mais informações sobre o Projeto Olhares em Foco em <http://olharemefoco.wix.com/projecto>.

autonomia para fazer escolhas entre as oportunidades possíveis (Passeron *in* Carvalho, 2010, p. 61). Processo identificado por Esteves (2011, p. 73) como constituição do indivíduo enquanto sujeito social, no qual este se reconhece e é reconhecido como membro de uma sociedade.

Um processo de reconhecimento que, no caso das crianças e jovens deste estudo, é marcado pela cobertura noticiosa negativa do território onde vivem. A Quinta do Mocho (freguesia de Sacavém, concelho de Loures) é noticiada regularmente nos telejornais e jornais impressos portugueses a propósito de acontecimentos violentos. Notícias positivas, no entanto, são raras.

Rotulado muitas vezes como “problemático” pelos *media*, o bairro foi construído entre 1998 e 2000 para acolher famílias provenientes principalmente dos PALOP que habitavam torres residenciais inacabadas e degradadas e barracas (Pereira, 2005; Esteves, 2004). Hoje abriga cerca de 2600 moradores, dos quais aproximadamente 700 são crianças (0 a 18 anos), segundo dados da Câmara Municipal de Loures. Este território é um espaço fundamental de construção da identidade das crianças e jovens filhos destes imigrantes, que rejeitam a denominação oficial do sítio onde vivem (Urbanização Terraços da Ponte) e continuam a identificá-lo pelo antigo nome da comunidade onde viveram os seus pais ou avós. Talvez não por coincidência, o mesmo acontece no discurso noticioso.

CRIANÇAS E JOVENS: A IDENTIDADE NUM MUNDO MEDIATIZADO

Inspirado no pedagogo alemão Giesecke, Allan Prout (2005, p. 30) afirma que é fundamental perceber as crianças tanto enquanto indivíduos quanto como coletividade, a partir de um esforço de interpretação coerente do seu mundo. “A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas num contexto em que diferentes ‘mundos’, ou esferas da vida social, se misturam e entram muitas vezes em conflito” (Correia, 2004, p. 119). O contexto em que as crianças vivem caracteriza-se por uma pluralidade de valores e perspectivas concorrentes, complementares e divergentes disponibilizadas pelos pais, escola, sociedade de consumo, relações entre pares e pelos *media*. Este último elemento da vida social ganha importância à medida que tem vindo a desempenhar um papel mais central na maneira como as crianças e jovens interpretam o mundo. Já em 1994, Gerbner afirmava que as crianças ouviam mais histórias e factos através de diferentes *media* do que através dos pais, escolas ou comunidade, fenómeno que Livingstone (1998) identificou como infância mediada.

É a partir desta diversidade de contexto, marcada pelos *media* enquanto recursos simbólicos centrais, que podemos falar das experiências vividas pelas

crianças, dos seus sentimentos de pertença e relações de sociabilidade que contribuem para a construção da sua identidade pessoal (representação do “eu” como único e diferente a partir da autoatribuição de traços psicológicos percebidos como particulares) e social (autoconceito derivado do reconhecimento de pertença a grupos sociais, a partir do valor e do significado emocional associado a essa pertença) (Tajfel e Turner, 1986, p. 255).

Neste sentido, as infâncias são, assim como a vida dos adultos, fortemente influenciadas pelas diferenças que marcam a vida social (Prout, 2005, p. 14). Idade, género, etnia, nacionalidade, estatuto socioeconómico, cultura, localização geográfica, estrutura familiar – e também a relação com os *media* – são apenas algumas das categorias relevantes para contextualizar o estudo da(s) infância(s), que interferem no labirinto de negociações onde se dá a construção identitária individual (de uma pessoa, de uma voz, de uma posição, de uma subjetividade) e grupal (“nós”, que nos assemelhamos, em relação a “outros” que de nós se diferenciam), como sublinha Machado Pais (2005).

Carvalho (2010, p. 257) chama a atenção para a influência fundamental que o território onde as crianças residem exerce na maneira como interpretam, reconstróem e representam os problemas sociais e como se posicionam diante destes.

Entre as crianças do nosso estudo, por exemplo, o facto de viverem num bairro de realojamento, a escassez de possibilidades de vivenciarem experiências fora dele e a sua condição de descendentes de imigrantes, parecem ser determinantes para o sentimento de pertença comunitária que expressam. À semelhança de outros estudos sobre imigrantes em espaços não privilegiados, o bairro configura-se como um fator de identidade, expresso na sua valorização como um “porto seguro” e na conseqüente preocupação quanto à sua imagem externa negativa, frequentemente reproduzida pelo discurso mediático (Padilha, 2011, p. 164).

É nesta perspetiva que pensamos a relação das crianças e jovens com os *media*. Estes trabalham simbolicamente para classificar o mundo e as nossas relações dentro dele, construindo lugares a partir de onde os indivíduos se podem posicionar e falar (Woodward, 1997, p. 14). A representação mediática, como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas em sistemas simbólicos que possibilitam respostas possíveis para questões como: quem sou eu? O que posso ser? Quem quero ser? (Woodward, 1997, p. 14).

Por outro lado, a par do que afirma a nova sociologia da infância (Corsaro, 1997; Mayall, 2002; Prout, 2005; James e Prout, 1997; Almeida, 2009), pensamos as crianças e jovens como participantes ativos no seu processo de socialização. Eles são percebidos como capazes de elaborar, interpretar e reconstruir as lógicas sociais e as suas experiências, incluindo a sua relação com os *media*.

Nesta perspectiva, chamamos a atenção para a relação entre representação mediática e construção identitária, que analisaremos a seguir.

MEDIA E IDENTIDADE: ESTIGMATIZAÇÃO E DIVERSIDADE EM QUESTÃO

Espaço privilegiado para a produção e representação de significados, símbolos e mensagens que nos ajudam a compreender a nossa experiência e quem somos (Schudson, 2002, p. 265), os *media* são atores culturais centrais nas sociedades contemporâneas com uma crescente importância na construção social da realidade (Correia, 2004, p. 13).

A construção de sentido para a conduta social; a perpetuação e reprodução de enquadramentos axiológicos e normativos que permitem a formação de identidades sociais e coletivas; a construção e o reforço da imagem que essas identidades fornecem de si próprias e das outras, seja a nível individual seja ao nível coletivo; a conquista de visibilidade que permite a luta pelo reconhecimento estão, cada vez mais, dependentes dos *media* [Correia, 2004, p. 33].

Em concordância, Pissarra Esteves (1999) afirma que o trabalho da identidade desenvolvido pelos *media* cumpre funções sociais básicas de reprodução cultural, de socialização e de integração social dos indivíduos, através de uma ampla oferta de modelos de pensamento e de ação, de quadros simbólicos difundidos e que se impõem socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas.

O trabalho mediático de agendamento e de enquadramento dos acontecimentos e problemáticas influencia significativamente as imagens que as pessoas fazem delas mesmas, dos outros, das suas necessidades, dos seus objetivos e das suas relações com os outros (Patterson *in* Correia, 2004, p. 33). Por outras palavras, os *media* funcionam como recursos simbólicos de reforço e até de construção das identidades (Correia, 2007, p. 132).

Embora existam diferenças entre os diversos veículos mediáticos e os seus conteúdos, que variam de acordo com o tipo de *media* e o público para o qual estão orientados, de uma maneira geral que identidades a representação noticiosa nos *media mainstream* reforçam ou constróem sobre a comunidade aqui estudada?

Uma pesquisa pelo termo “Quinta do Mocho” no *Google Notícias* dá pistas iniciais para responder à questão. Constatamos uma esmagadora predominância do tema criminalidade, como por exemplo: “Jovem esfaqueado nove vezes nas costas na Quinta do Mocho” (*Jornal de Notícias*, 18-08-2011);

“Técnicos de saúde nem querem cá vir” (*Jornal de Notícias*, 25-08-2008) e “PSP ferido em desacatos na Quinta do Mocho teve alta” (*Diário de Notícias*, 06-08-2011). Nestas peças noticiosas prevalecem enquadramentos frequentemente reduzidos ao que Bennett (2007, p. 43) chamou de síndrome da autoridade-desordem: as notícias dão conta de um mundo onde a ordem está ameaçada ou foi reencontrada. A questão central é se as autoridades são capazes de estabelecer ou restaurar a ordem, em detrimento de uma contextualização de fundo. Podemos afirmar que estas notícias divulgam versões e visões preferenciais sobre o que é e como deve ser esta ordem social a partir de três aspetos fundamentais: a avaliação moral (o que está dentro ou fora da ordem é julgado em termos de se é bom ou mau, saudável ou não, normal ou anormal), os procedimentos (metodicamente necessários para a manutenção ou restabelecimento da ordem) e a hierarquia (a ordem está diretamente relacionada com atributos como classe, estatuto e posição social) (Ericson *et al.*, 1991, p. 4).

A partir destes três elementos, o discurso noticioso acerca da Quinta do Mocho constrói sentidos sobre o bairro que frequentemente o identificam como fora da ordem, como um alvo necessário de procedimentos policiais e como um lugar onde vivem pessoas de baixo estatuto social, perigosas ou em vias de o ser. Uma representação que faz ressoar expressões pejorativas largamente utilizadas dentro e fora dos *media*, como “bairro problemático”, e que se revela estigmatizante em histórias contadas pelas crianças e jovens desta comunidade, sujeitos desta investigação.

A palavra “estigma” é aqui usada para designar um atributo que diferencia e lança descrédito profundo, dificultando as relações entre o indivíduo estigmatizado e os indivíduos “normais” (Goffman, 1975, p. 13). Uma pessoa estigmatizada tem os seus direitos ameaçados, é alvo de discriminações consideradas muitas vezes justificáveis e é frequentemente isolada.

Embora Goffman (1975) afirme que os códigos de conduta que promovem o isolamento das pessoas estigmatizadas estejam em declínio, e que estas tendem a ter as mesmas ideias que “nós” sobre identidade (o sentimento de ser uma pessoa normal, que merece ter chances e respeito), ao mesmo tempo podem perceber que os outros não as aceitam verdadeiramente e não estão dispostos a relacionar-se com elas em pé de igualdade.

A sociedade (aqui incluímos os *media*) estimularia estas pessoas a interiorizar critérios que as transformam em muito sensíveis ao que os outros veem como a sua diferença, sentindo não estarem à altura do que deveriam ser. Estas identidades estigmatizadas têm origem frequente, por exemplo, em questões relacionadas com a etnicidade e a diversidade cultural. “As minorias étnicas tornaram-se objeto de suspeita, indiferença mais ou menos hostil ou

hostilidade aberta nos países de acolhimento, tornando por vezes mais difícil a manutenção de um ideal multicultural” (Correia, 2004, p. 123).

Esta é uma suspeição que tem presença marcante na representação mediática dessas minorias, em especial da parcela jovem desta população. Ponte (2006, p. 3) chama a atenção para a definição “do outro” – que representa um corpo estranho às considerações dominantes de identidade por parte de um determinado grupo – como estratégia de normalização, de exclusão e inclusão no discurso noticioso sobre o risco. É essa percepção do outro social (em oposição aos adultos, leitores de jornais, brancos de classe média) que vai influenciar a cobertura noticiosa sobre a violência envolvendo jovens a partir de enquadramentos que não promovem investimentos a longo prazo e que encorajam campanhas punitivas contra grupos quase sempre pobres e marginalizados (Hammarberg, 1997, p. 248).

Esta ideia de um “mundo dos outros” marcado por atributos como pobreza, violência, desvio e distância (Ponte, 2007) tem dominado com frequência o discurso noticioso em Portugal sobre grupos minoritários. Os atos delinquentes de jovens de estratos sociais mais elevados são geralmente representados a partir de atributos como leviandade, desvios de caráter, coisas da idade ou meras brincadeiras, enquanto a cor da pele e a origem social de outros jovens pode estimular a espetacularização exacerbada e apressada (Carvalho *et al.*, 2009), contribuindo para a condenação moral destes. No mesmo sentido, Azeredo (2007, p. 205) afirma que o destaque dado à representação de jovens não-brancos contribui para um ampliação da percepção do seu envolvimento no fenómeno da delinquência e consequente estigmatização.

A partir de uma análise exploratória sobre o discurso da imprensa portuguesa acerca dos jovens, Coelho (2009, p. 375) conclui que a representação predominante assenta no estereótipo do jovem problemático, sendo este tratado a propósito dos problemas que cria para as autoridades ou enquanto elemento gerador de problemas em que as autoridades podem ajudar, não sendo reconhecido o seu direito a expressar-se sobre estas questões. A categoria “jovem” ganha uma conotação intrínseca negativa, na medida em que na descrição dos criminosos é muito frequente a referência ao termo. Por outro lado, omite-se a referência à idade quando o crime é cometido por um adulto ou por um indivíduo de meia-idade. “Por detrás da atribuição de um papel constrói-se uma identidade, demarcam-se fronteiras, o que favorece o afastamento do leitor em relação aos jovens em causa” (Coelho, 2009, p. 370).

Aqui podemos identificar uma percepção do outro social (com referência à juventude, em oposição aos adultos e, também, com conotações de classe social e etnia, em oposição aos leitores de jornais, brancos de *classe média*) que influenciou diretamente, por exemplo, a cobertura noticiosa de um incidente

muito conhecido que ocorreu na Praia de Carcavelos, no feriado do Dia de Portugal (10 de junho) em 2005. A praia popular em Cascais, frequentada habitualmente por jovens negros da periferia, foi palco de roubos e desacatos com a polícia (quatro pessoas foram detidas, três civis e dois policiais ficaram levemente feridos), num episódio destacado e extensamente coberto pelos *media*, imediatamente enquadrado pelo termo “arrastão”, a partir de imagens (captadas por amadores) que aparentavam correria e confusão. “Violência juvenil”, “gangues”, “bando de jovens”, “arrastão à brasileira” foram expressões utilizadas nos títulos de jornais de referência, numa imposição do discurso do medo e de culpabilização do outro simbólico (Ponte, 2006, p. 13).

Rosa (2011) analisa a cobertura do acontecimento como uma onda noticiosa construída a partir do consenso estabelecido pelas fontes definidoras primárias (principalmente forças policiais) em torno de um comportamento de desvio por parte de um grupo étnico estigmatizado. Para o autor, o fenómeno revela uma assustadora predisposição para a representação leviana destas minorias, associadas *a priori* a comportamentos desviantes.

Há muito que a investigação tem verificado que a cobertura de territórios “periféricos” das grandes cidades, bairros sociais e comunidades imigrantes suscita preocupações semelhantes, em caracterizações destes como espaços exclusivos de violência em peças noticiosas onde a polícia atua como a fonte definidora primária (Hall *et al.*, 1978, p. 57) dos acontecimentos e onde vozes alternativas dificilmente encontram espaço significativo.

Numa análise deste fenómeno a partir da realidade brasileira, Ramos e Paiva (2007, p. 77) apontam diversas razões para a estigmatização de comunidades pobres no discurso noticioso: a falta de fontes locais legítimas e independentes, o desconhecimento da realidade local pelos jornalistas que vivem em bairros de classe média e raras vezes são parte destas minorias, o público-alvo dos *media* que vê de forma preconceituosa estas comunidades e a sensação de insegurança dos profissionais do jornalismo que evitam entrar nestes sítios sem o acompanhamento policial.

Razões que remetem para as forças preponderantes em cada sociedade, para as prioridades comerciais dos *media*, para as limitações das rotinas profissionais dos jornalistas e para o estatuto minoritário destas populações (Marôpo, 2012). Neste sentido, prevalecem no jornalismo os enquadramentos que reforçam identidades estigmatizadas e são mais escassas representações variadas e complexas de territórios e populações vistos como “estranhos” (Correia, 2007, p. 145).

Este discurso noticioso negativo tem impacto significativo na imagem social destes grupos minoritários e é neste contexto que as crianças e jovens do nosso estudo constróem as suas identidades. Diferentemente do ponto de

vista mediocêntrico, não estamos aqui a sublinhar a sua vulnerabilidade diante de notícias sobre temas traumáticos ou a importância do uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil, como critica Buckingham (2000). Queremos, sim, conhecer os pontos de vista dos sujeitos investigados, percebendo-os como úteis para uma reflexão sobre a relação entre discurso noticioso e processos identitários.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E APROXIMAÇÕES AO TEMA

Recorremos a diversas metodologias qualitativas e participativas para estudar os significados gerados pelas crianças e jovens sobre as suas realidades, procurando perceber como o discurso noticioso faz parte das suas negociações de identidade. As nossas opções metodológicas passam por uma prática de investigação que visa a produção de conhecimento de forma paralela a uma agenda de mudança social, utilizando a comunicação como ferramenta primordial. Assim, investigação, ação e participação caminham lado a lado num processo construído em grande parte a partir da experiência regular no terreno, que pode ser identificado como investigação-ação (Greenwood e Levin, 1998).

Aproximadamente 15 crianças e jovens entre os 9 e os 16 anos participaram na investigação, com diferentes níveis de envolvimento e assiduidade, de acordo com os seus próprios interesses e vontades. Esta presença não-regular dificultou uma caracterização mais aprofundada dos participantes, mas alguns dados observados ajudam a contextualizar de forma mais precisa os sujeitos deste estudo.

Nas sessões de contacto houve um equilíbrio entre a quantidade de rapazes e raparigas, no entanto predominavam os participantes do sexo masculino entre os mais velhos, enquanto as raparigas mais novas eram maioria. Frequentemente as jovens justificavam as suas ausências devido a obrigações domésticas, numa clara demonstração de como o género é uma condicionante da participação. Constatámos também uma maior regularidade da presença dos mais novos, com idades entre os 9 e os 13 anos, enquanto, acima desta idade, a maior liberdade de mobilidade dos jovens e a concorrência com outros interesses tornava mais difícil mantê-los motivados.

Todos os participantes têm família de origem africana – com predominância de Cabo Verde, Angola e Guiné Bissau –, mas nasceram em Portugal. Os progenitores têm na quase totalidade profissões pouco qualificadas, como empregadas de limpeza ou de mesa, no caso das mães, e trabalhadores da construção civil, no caso dos pais. Estes frequentemente estão ausentes por terem emigrado para outros países da Europa ou por terem constituído novas famílias. Várias das crianças e jovens vivem com famílias alargadas e relataram

situações de desemprego das mães e pais. Insucesso, ou pelo menos dificuldades no percurso escolar, são as razões principais que os levaram a participar no “Projeto Esperança”, ao qual se referem como “*Spot Mocho*”.

Os nossos contactos com este grupo aberto começaram em agosto de 2011, com a intenção de dinamizar um clube de jornalismo onde se discutisse o discurso noticioso (acerca do bairro e sobre outros temas que envolvessem especialmente crianças e jovens) e, ao mesmo tempo, se produzissem conteúdos (notícias, imagens, vídeos...) sobre a realidade local e temáticas de interesse do grupo. A proposta era utilizar estas metodologias participativas para analisar a relação entre jornalismo e direitos das crianças e jovens, a partir das suas perspetivas.

O interesse e preocupação do grupo acerca das notícias que referiam especificamente o bairro, demonstrados em diversas ocasiões, levou-nos a privilegiar este aspeto na nossa investigação, como demonstra a anotação no diário de campo transcrita abaixo.

A notícia exibida na SIC numa tarde de agosto falava sobre o esfaqueamento de um rapaz no bairro e a sala repleta ficou a assistir quase em silêncio. Até àquele momento, a televisão estava sempre ligada no *Spot Mocho*, mas como um acessório ao qual ninguém prestava muita atenção. De repente as crianças fizeram silêncio, interroperam suas brincadeiras, e ficaram atentas ao telejornal [anotação do diário de campo, 18-08-2011].

No fim da notícia, todos dispersaram e voltaram às suas atividades, mas alguns comentários e situações reforçaram a necessidade de aprofundar a percepção das crianças sobre as notícias acerca do bairro. “Só há notícias más sobre o bairro”, lamentou um dos rapazes (15 anos). Um dos técnicos do projeto também comentou que sentia um clima de tensão a crescer no bairro e que achava preocupante o facto de as fontes terem pedido para não serem identificadas na reportagem: “isso não era assim antes”. Uma das raparigas (12 anos) contou discretamente que viu tudo e que sabe quem cometeu o crime noticiado, mas preferiu não responder à polícia: “Minha mãe chega do trabalho tarde e tenho medo que façam alguma coisa com ela”. No dia seguinte, ouvimos na rua uma pessoa de referência na comunidade dirigir-se a um rapaz: “muito mal fazer o bairro virar notícia por essas vossas asneiras. Já chega, não é?”

Que consequências têm essas representações noticiosas predominantemente negativas nas construções identitárias destas crianças e jovens? A partir desta pergunta central realizámos cinco grupos de foco, metodologia utilizada em estudos de receção, e que permite perceber como as pessoas compreendem o tema em questão a partir da conversação e interação entre elas (Hansen *et al.*, 1998). Nestes, debatemos questões como: o que são e para que servem

as notícias? Interessam-se e veem notícias? Lembram-se de notícias sobre a Quinta do Mocho? Como são essas notícias? Que consequências têm essas notícias para a imagem do bairro e para as suas vidas? Visionámos e discutimos com as crianças as notícias sobre o bairro veiculadas na televisão e publicadas em jornais. Para uma melhor contextualização, debatemos também o que as crianças e jovens gostam e não gostam no bairro e como veem o mundo hoje.

Com o intuito de superar constrangimentos que encontrámos no terreno – dificuldade de concentração e de utilização da linguagem escrita por parte das crianças e jovens e uma visível preferência por atividades práticas que envolvessem tecnologias de comunicação – estabelecemos uma parceria com colegas investigadores e ativistas, no hoje designado “Projeto Olhares em Foco”, para complementar os dados obtidos através dos grupos de foco. Idealizado inicialmente por Daniel Meirinho (2013), o projeto utiliza metodologias participativas audiovisuais – especialmente fotografias e vídeos –, que são apresentadas às crianças ou produzidas por elas próprias como ferramentas de reflexão e transformação pessoal e social.

Neste âmbito, acompanhámos as crianças na produção do vídeo “Quinta do Mocho, o nosso bairro” (um pequeno documentário amador sobre a sua visão da comunidade); realizámos um *workshop* de fotografia (ministrado por Daniel Meirinho) que resultou na exposição “Mocho na Mira” (com imagens produzidas pelas próprias crianças); e colaborámos na produção da curta-metragem “A Balada do Mocho” para o 3.º Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa (FESTIN), com guião e realização de Francisco Baptista e das próprias crianças e jovens, que também atuaram no filme. No mesmo contexto, as crianças e jovens assistiram a diversas curtas-metragens e participaram em debates sobre os seus direitos e sobre a sua representação nos produtos comunicacionais que produziram.

Esta metodologia, por outro lado, não deixa de ter uma inspiração etnográfica, já que utilizámos durante um significativo período de tempo a observação e a interação informal como ferramentas metodológicas prioritárias. O diário de campo que escrevemos e a gravação em áudio das atividades foram instrumentos fundamentais para registar a voz, as ações e os significados construídos pelas crianças e jovens.

Toda esta vivência/convivência regular permitiu-nos um maior conhecimento da realidade local e uma construção de relações de proximidade com estas crianças e jovens, que geraram dados tão frutíferos quanto as atividades sistematizadas que realizámos. Os discursos e atitudes registados em diário de campo durante o processo de produção e nos próprios produtos de comunicação revelaram-se uma rica fonte de informações acerca das questões centrais desta investigação.

Esta investigação-ação também nos forçou a lidar com situações conflituosas. Por exemplo, como construir uma dinâmica democrática de interação que possibilite também um ambiente favorável ao debate num grupo com grande dificuldade de concentração? Outro aspeto a enfrentar foi a falta de uma estrutura adequada para a realização de muitas das atividades propostas, além do desafio de compatibilizar, concomitantemente, intervenção e observação científica, neste processo que Durham (1984) chamaria de participação observante. Este trabalho suscita-nos ainda questionamentos éticos que temos dificuldades em ultrapassar: apesar de termos a autorização formal do “Projeto Esperança” para a investigação-ação, é muitas vezes inviável conseguir que todos os pais de crianças que participam ocasionalmente deem também o seu consentimento formal, bem como conseguir destas próprias crianças o seu consentimento esclarecido. Outro dilema é como conciliar direitos de privacidade e participação. Nos nossos artigos preferimos não identificar diretamente as crianças e jovens e utilizamos nomes fictícios para evitar constrangimentos de qualquer natureza². Por outro lado, a sua voz, imagem e consequentemente identidade são divulgadas nos objetos de comunicação por si elaborados, enquanto direitos de participação e de liberdade de expressão assegurados pelos artigos 12.º e 13.º da Convenção sobre os Direitos das Crianças.

Com base nestes procedimentos metodológicos, analisaremos a construção identitária entre as crianças e jovens estudados em face de uma representação noticiosa frequentemente estigmatizante. Como é que esta representação mediática influencia a construção das identidades individuais e grupais destas crianças e jovens? Em que medida o estereótipo do bairro e dos jovens “problemáticos” divulgado pelos *media* se intersesta com os discursos que os jovens elaboram sobre si mesmos? Como percebem o papel dos *media* nos seus processos de afirmação identitária? São estas as questões que serão debatidas a partir dos dados recolhidos.

CRIANÇAS, JOVENS E NOTÍCIAS

Pesquisar a ligação entre as construções identitárias destas crianças e jovens e o discurso noticioso começou por parecer uma tarefa bastante difícil. Reações de desinteresse nos mais velhos e de repulsa entre os mais novos predominaram fortemente no primeiro grupo de foco que realizámos para debater os conteúdos jornalísticos. “Não gosto de notícias!” foi a resposta mais frequente quando questionados sobre o tema. Muitos afirmaram ter contacto com as notícias

2 Algumas vezes também não foi possível identificá-los nas gravações dos grupos de foco e de outras atividades, nestes casos utilizámos os termos “rapaz” ou “rapariga”.

em momentos de reunião familiar (“meu pai vê e eu vejo também”, Carla, 12 anos; “vejo telejornal com a minha mãe e com meus dois primos na sala”, Guto, 12 anos; “vejo telejornal com a minha mãe e com a minha avó na sala”, Zito, 12 anos; “vejo de noite, quando venho da escola, com todos que moram em casa”, Délia, 10 anos) ou apenas como uma forma de ocupar o tempo livre quando não têm nada melhor para fazer (“é o que sobra para ver”, Helena, 12 anos; “às vezes... Quando acabam as telenovelas...”, Pedro, 15 anos), numa aparente indiferença apontada também por autores como Buckingham (2000).

No entanto, esta afirmação maioritária de que não se interessam ou que não gostam das notícias foi sendo contradita à medida que aprofundávamos o debate nos diversos grupos de foco e que colocávamos as questões de diferentes formas.

A hipótese de não terem acesso à informação por meio da televisão, rádio, jornal ou internet, por exemplo, provocou reações unânimes de forte desagrado: “Eu ia morrer!” (rapaz, não identificado); “não era humana!” (Helena, 12 anos); “a vida era uma porcaria! Era uma prisão!” (Carla, 12 anos); “a vida não era normal, não ouvir as notícias...” (Ana, 11 anos); “eu achava que esse lugar era mal, claro. Pior do que numa prisão!” (André, 15 anos).

Temas que são frequentemente noticiados são percebidos como repetitivos e enfadonhos: mortes, guerras e crises (“Há notícias que não me interessam: morreram pessoas ou notícias sobre a crise e a guerra. Por exemplo: desde março que passam notícias da Líbia”. Léo, 14 anos). Por outro lado, a sua curiosidade sobre o mundo recai justamente sobre os países e temas destacados repetidamente nas notícias. Quando tentámos conversar sobre os países de origem das suas famílias a partir da exibição de um grande mapa do globo, os questionamentos e comentários das crianças e jovens insistentemente referiam-se a países envolvidos em conflitos que estavam no centro da atenção mediática: Líbia, Afeganistão e Iraque, especialmente.

As crianças e jovens demonstram familiaridade com o discurso noticioso. As notícias são definidas como “informação” (Léo, 14 anos); “coisas recentes” (Pedro, 15 anos); “coisas que foram descobertas agora” (Carla, 12 anos); “mensagens para a população: um alerta” (Léo, 14 anos); “servem para entretenimento” (rapaz não identificado); “servem para saber sobre o mundo” (Helena, 12 anos); “servem para prevenir” (João, 12 anos).

Esta familiaridade estende-se também ao processo de produção das notícias. Se a pergunta “Como é que os jornalistas decidem o que vai aparecer ou não nas notícias?” motivou inicialmente respostas mais ligeiras (“com base nos acontecimentos”, Léo, 14 anos; “as que afetam mais o mundo”, rapaz não identificado), o decorrer dos debates nos grupos de foco demonstrou um conhecimento significativo sobre as rotinas e constrangimentos do jornalismo.

Por exemplo, a pergunta “porque algumas guerras aparecem mais do que outras?” suscitou reflexões críticas sobre os interesses económicos e as relações de poder que existem por trás do que é noticiado, para além de um conjunto de comentários que revelam uma perceção de vários critérios substantivos de valores-notícia³ de seleção (novidade, relevância, notabilidade e inesperado) e de pelo menos um critério contextual dos valores-notícia de seleção (a disponibilidade) (Traquina, 2002): “Porque estas acontecem há anos e não vale a pena falar” (rapariga); “Algumas são mais importantes... Morreu mais gente” (Carla, 12 anos); “Importância do sítio” (rapaz); “Gravidade” (rapariga); “Tem mais interesses económicos” (rapaz); “Porque pode ser perigoso para os jornalistas irem lá” (André, 15 anos); “Talvez porque se calhar não conseguem ir lá filmar” (Pedro, 15 anos).

Além disso, no decorrer dos debates passámos a identificar o que podemos chamar de interesse seletivo pelas notícias. Temas de ciência que envolvem novas descobertas e conquista do espaço promoveram animados debates, com os mais velhos (rapazes e raparigas) a querer demonstrar que estavam informados e a tentar utilizar o seu conhecimento sobre as notícias como uma prova de maturidade e de superioridade intelectual. O género marca as diferenças de preferência pelos dois outros temas que causam maior interesse nas notícias, com os rapazes a referir o desporto (sendo os únicos que afirmam procurar notícias em jornais impressos, nomeadamente nos diários especializados em futebol) e as raparigas que revelam especial interesse por notícias de celebridades (procuradas principalmente em *sites* especializados na *internet*).

A partir destas constatações, que revelam uma proximidade muito maior das crianças e jovens com as notícias do que previmos inicialmente, focámo-nos nos processos de construção identitária destas crianças e jovens face, nomeadamente, aos discursos frequentemente estigmatizantes dos *media* sobre a comunidade onde vivem.

IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES NOTICIOSAS

“Quem se lembra de notícias sobre o bairro?”. A pergunta inicial do terceiro grupo de foco que realizámos suscitou muito interesse e respostas em catadupa. Todos falavam ao mesmo tempo e praticamente a mesma coisa: “são

3 Os valores-notícia são os critérios que os jornalistas usam para decidir se um acontecimento será transformado em notícia ou não. Estes subdividem-se em critérios substantivos (avaliação direta de um acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia) e critérios contextuais (que dizem respeito ao contexto de produção da notícia) (Traquina, 2002, pp. 186-202).

notícias más!”. Após alguns momentos a tentar organizar a ansiedade das crianças e jovens, surgem respostas mais específicas sobre a sua memória das notícias acerca do bairro, principalmente por parte dos rapazes mais velhos: “Mataram um jovem” (André, 15 anos), “um jovem agrediu” (Valter, 16 anos), “um jovem foi agredido e levou facadas” (Pedro, 15 anos), “os jovens são problemáticos na Quinta do Mocho” (Jorge, 14 anos). Os mais novos e as raparigas complementam estas respostas numa percepção unânime da relação entre jovens e violência como o tema de destaque no discurso noticioso acerca do bairro.

A violência é também a preocupação absolutamente prioritária quando questionados sobre o que não gostam no bairro. Queixas generalizadas sobre o problema marcaram diversos momentos do trabalho de campo, em descrições da comunidade como um território de comportamentos desviantes, com referências a tiros, violação de crianças, agressões, tiroteios, criminosos, discussões e bandidos. Os participantes da investigação mostraram-se ansiosos para contar os episódios violentos que presenciaram, muitos dos quais transformados em conteúdo noticioso.

Neste sentido, a vivência da violência no bairro e a sua representação noticiosa (percebida como a principal causadora da má imagem externa da comunidade) marcam fortemente as crianças e jovens, contribuindo para construções identitárias que classificamos, para efeito de análise, em três categorias – estas não são estanques e co-existem frequentemente nas crianças e jovens do estudo.

A IDENTIDADE DESCONFIADA

Se, por um lado, a vivência e a visibilidade mediática da violência contribuem para uma percepção do bairro como um “gueto violento”, por outro, as crianças e jovens ressaltam relações de amizade e experiências gratificantes associadas ao lazer e à aprendizagem que reforçam um forte sentimento de pertença local. Nesta perspetiva, o bairro é também visto como “uma extensão do lar”, um espaço de liberdade fundamental para estas crianças e jovens, que têm permissão da família para aí circular, e onde o comércio local promove um sentimento de vida comunitária. Por outro lado, são escassas as suas possibilidades de vivenciar experiências além das fronteiras da comunidade, devido à falta de tempo e/ou recursos financeiros dos pais.

Fazer parte e ter raízes bem vincadas nesta comunidade, aliás, parece ser também algo valorizado pelas crianças como parte da sua identidade. Os mais velhos têm orgulho em afirmar que se lembram da “antiga Quinta do Mocho” e, embora tivessem poucos anos de idade quando foram realojados, gostam de alimentar diante dos mais novos um sentimento de nostalgia pelo anterior

sítio onde viviam, descrito como um tempo de felicidade idealizada, sem referências, por exemplo, às más condições de habitação de então.

Quando, a partir dos nossos encontros semanais, surgiu a ideia de fazeremos um vídeo e uma exposição fotográfica sobre o bairro, as crianças rejeitaram com veemência a possibilidade de utilizarem o nome oficial Urbanização Terraços da Ponte (designação que engloba os edifícios vizinhos que ficam além da fronteira do bairro de realojamento onde habitam) e nos dois casos escolheram títulos que remetiam para o antigo bairro: “Quinta do Mocho – O nosso bairro” (vídeo) e “Mocho na Mira” (exposição fotográfica).

Esta identidade de grupo fortemente ancorada na comunidade como um lugar de pertença e o desconforto causado pela imagem pública negativa do bairro fortalecem um sentimento de desconfiança quanto a outros grupos externos, especialmente em relação à polícia e aos *media*, identificados como os principais propagadores desta má imagem.

As forças policiais, por exemplo, são acusadas em diversos depoimentos de serem abusivas e causadoras de incómodos diversos. Aqui prevalece um sentimento de que “nós, moradores do bairro” sofremos as consequências de ações violentas e/ou excessivas da polícia.

Eu acho que a polícia é bom vir de vez em quando ver como é que está a situação, mas todos os dias já incomoda. Eu acho que todos os dias é um incómodo para a vizinhança [Helena, 12 anos].

Em relação aos *media*, identificamos uma percepção das notícias como responsáveis demasiado frequentes por uma representação falsamente ampliada dos problemas que acontecem no bairro. “Os outros (algumas vezes identificados pelos mais velhos como jornalistas) não gostam de nós!” Em diversos momentos, as narrativas deixavam clara esta percepção. Embora não consigam identificar as razões, os jornalistas são vistos como tendo uma deliberada intenção de “falar mal” sobre a comunidade:

- O que vocês sentem quando veem essas notícias? [Investigadora]
- Que não gostam do bairro [Léo, 14 anos]
- Porquê? [Investigadora]
- Estão a dizer que no bairro há uma facada por semana! [Léo, 14 anos]
- Dizem que toda semana é tiroteio! [Carla, 12 anos]

Esta construção identitária é marcada fortemente pela percepção da comunidade como uma “extensão do lar”, pela desconfiança em relação “aos outros” e por um sentimento de vitimização. A diferença (em relação aos “outros”) é

construída em torno da violência na comunidade, cuja representação é tida como distorcida (exagerada) e imposta a partir do exterior pelos *media*. Estes dão, assim, origem à referida atitude generalizada de desconfiança em relação ao “outro”, provocando reações de indignação.

A IDENTIDADE ANGUSTIADA

Nesta segunda construção identitária, que assinalámos preponderantemente entre os mais novos, a ameaça é percebida como causada por um elemento interno à própria comunidade, uma espécie de “inimigo no meio de nós”.

As narrativas são marcadas por um sentimento de medo da violência, a qual seria causada por uma minoria de habitantes do bairro identificados como bandidos, fugitivos da polícia e miúdos que assaltam as pessoas.

As pessoas que não vivem no nosso bairro gostam sempre de falar que o nosso bairro é que é má influência, os professores falam na escola que nós devemos sair daqui desse bairro e eles não sabem que isso não somos nós que fazemos, são outras pessoas [Helena, 12 anos].

O discurso noticioso visto nos telejornais diários reforça o sentimento de angústia e medo vivido em situações quotidianas conflituosas. Por meio da representação de acontecimentos violentos bastante próximos das crianças e jovens, acontecidos algumas vezes na sua presença, as notícias promovem sentimentos de tristeza e temor.

- Do que vocês se lembram quando veem essas notícias? [Investigadora].
- Do que aconteceu [Mário, 10 anos].
- Tu disseste que assististe também, o que sentiste? [Investigadora].
- Medo [João, 12 anos].
- E o que é que tu achas quando vês essas notícias na televisão? [Investigadora].
- Acho tristeza, acho que é triste [Sílvia, 9 anos].

Nesta construção identitária prevalece a perceção da comunidade como um “gueto de violência”, a partir de ameaças surgidas internamente. O discurso noticioso funciona como um reforço do sentimento de insegurança.

A IDENTIDADE ESTIGMATIZADA

A última e mais forte construção identitária refere-se às consequências estigmatizantes que as notícias, na perceção das crianças e jovens, potenciam. A maioria fez questão de se pronunciar sobre o problema, referido diversas vezes nos grupos de foco e em outros momentos informais da nossa presença.

As notícias são consideradas – a par da “presença dos bófiás” e dos “miúdos que assaltam” – como uma das causas centrais que levam “as pessoas de fora” a se esquivarem quando convidadas ou solicitadas a ir ao bairro.

- O Pedro estava a dizer porque não gosta (das notícias negativas sobre o bairro)... [Investigadora].
- Porque há muita gente, familiares que não gostam de vir pra aqui. Pensam que vão entrar e vão logo ser assaltados. Os meus familiares não vêm cá por causa disso [Pedro, 15 anos].
- As pessoas de fora já não têm coragem de entrar aqui! [Helena, 12 anos].
- Os taxistas não querem entrar aqui! [vários]
- Quando vamos fazer compras, chamamos o táxi e às vezes nem aparece... Ouvem só Quinta do Mocho e dizem: “está bem, está bem” [Carla, 12 anos].

Nestas narrativas estão presentes os elementos que Goffman (1975) identificou como caracterizadores de estigma: descrédito, dificuldade de relação entre estigmatizados e “normais”, isolamento, discriminação justificada, direitos ameaçados.

As reações a estas experiências variam entre uma percepção bastante clara com respostas frontais ao estigma que enfrentam e uma tendência para minimizá-lo e não o levar a sério, ou ainda uma atitude resignada.

- E as pessoas comentam convosco sobre essas notícias? [Investigadora].
- Alguns dizem na escola: moras na Quinta do Mocho? Vou lá pôr o pé e levo um tiro na cabeça e sou assaltado! [Carla, 12 anos].
- Quem é que diz isso? [Pedro, 15 anos].
- Depois eu digo assim, já lá foste para ver? [Carla, 12 anos].
- Brincam na escola com isso. Dizem a brincar: não vou na Quinta do Mocho com medo de ser assaltado [Pedro].
- A mim não dizem a brincar! [Carla].
- Se fosse num outro bairro não faziam essas brincadeiras! [André, 15 anos].
- Acho que as pessoas vão logo falar que fomos nós que fizemos [Mário, 10 anos].

Esta construção identitária é marcada pelo desafio em lidar com a suspeição externa. Os *media* são vistos com uma das principais causas do problema, já que destacam amplamente a violência que ocorre no bairro. Este discurso noticioso motiva frequentemente reações externas negativas em relação à comunidade, com as quais as crianças e jovens precisam lidar na sua vida quotidiana.

PISTAS PARA UMA INTERVENÇÃO

O enfrentamento dos desafios identitários debatidos acima está intrinsecamente ligado às possibilidades de desenvolvimento social que a linguagem e a comunicação oferecem (Esteves, 2011). Neste sentido, destacamos cinco experiências na nossa investigação-ação que apontam caminhos capazes de estimular as crianças e jovens a confrontarem estas imagens negativas:

- a) Nos debates sobre as notícias, as crianças e jovens por diversas vezes mostraram-se críticos e reflexivos acerca dos processos de agendamento e enquadramento do discurso noticioso. Os mais velhos, em especial, parecem perceber que frequentemente os critérios de noticiabilidade dos *media* privilegiam representações estigmatizantes de grupos minoritários e questionam isso.

Aqui e no Brasil, nas favelas, quando vemos na *Record* é só crime. A minha mãe foi lá e disse-me que não era assim [Jorge, 14 anos].

O depoimento do rapaz gerou um intenso debate sobre as “coisas boas” que há no Brasil e uma constatação da semelhança com o que acontece na representação mediática do bairro.

- b) Apesar de grandes dificuldades de concentração e de uma participação mais comprometida, as crianças e jovens mostram-se orgulhosos pelos objetos de comunicação que conseguiram produzir (vídeo, exposição de fotografias, entrevistas), percebem-nos como uma oportunidade para gerarem novos discursos sobre a Quinta do Mocho e parecem sentir-se agentes de transformações positivas na comunidade.

“Se a gente trabalhar e terminar o nosso vídeo muita gente vai ver boas notícias” [Pedro, 15 anos].

- Acho que nosso bairro tá a melhorar pouco a pouco [Helena, 12 anos].
- Porquê? [Investigadora].
- Porque nós aqui do *Spot* em geral, as crianças do bairro, tamos a melhorar o nosso bairro pouco a pouco [Helena, 12 anos].

- c) Interessam-se por outras crianças e jovens que lutaram de forma assumida pelos seus direitos e por uma vida melhor. Especialmente em três atividades demonstraram empatia e pareceram expressar um sentido

de responsabilidade social: quando assistiram ao vídeo “Nascidos em Bordéis” (um documentário que mostra crianças de Calcutá, na Índia, enquanto aprendem a fotografar) estavam excecionalmente concentrados e participativos no debate que se sucedeu; quando viram um vídeo documentário sobre jovens brasileiros (que também participaram do Projeto Olhares em Foco) de uma comunidade rural, mostraram-se preocupados e comovidos com o facto de estes não terem acesso à internet e viverem de forma tão isolada. Por último, receberam com motivação a proposta para preparar e apresentar um *power point* sobre crianças e jovens que foram notícia porque lutaram pelo que acreditavam ser os seus direitos.

- d) Se as crianças reagem de diferentes maneiras à suspeição e à estigmatização que por vezes sofrem de “pessoas de fora”, parecem ao mesmo tempo valorizar o interesse e atenção que estas lhes dispensam, aproveitando estas situações para construir sentidos mais positivos sobre as suas identidades. Helena (12 anos) respondeu rapidamente que não se interessava por Cabo Verde (o país de origem dos seus pais) quando soube que o jornalista de viagens e escritor de livros infantis que iam entrevistar tinha gostado muito do país. Mas durante a entrevista com João Ferreira Oliveira, que gravámos em vídeo, a sua reação e a das outras raparigas (que nessa atividade eram a maioria) foi já bem diferente. Demonstraram orgulho quando o entrevistado afirmou que Cabo Verde foi um dos lugares que mais gostou de visitar, colocaram diversas perguntas sobre o país e fizeram questão de lhe ensinar palavras e expressões em crioulo.
- e) Por último, se as notícias negativas sobre o bairro são vistas como potencializadoras das situações estigmatizantes que vivenciam, o enquadramento positivo parece, por outro lado, funcionar como uma legitimidade externa para autorrepresentações mais positivas. À semelhança do que acontece com as “pessoas de fora” que referimos no *item* anterior, estas peças noticiosas geram interesse e parecem fortalecer representações positivas da comunidade e de instituições que usualmente são vistas com suspeição, como a polícia. Uma reportagem intitulada “Dia de Festa na Quinta do Mocho”, exibida originalmente na RTP1, em 28 de setembro de 2008, sobre um convívio promovido pela autarquia de Loures, suscitou entusiasmo e muitos comentários sobre o evento. O desafio parece ser então estimular iniciativas positivas da própria comunidade capazes de se integrar nos “critérios de

noticiabilidade” (Traquina, 2002, p. 173) dos *media*. Se isso não parece ser tão fácil no registo noticioso factual, quotidiano, é pelo menos mais passível de acontecer em espaços “alternativos”, que também parecem ser valorizados pelas crianças. Numa reportagem sobre a exposição “Mocho na Mira”, o programa “Rumos” da RTP África ouviu as crianças sobre a experiência de fotografar o bairro. Estas disputaram espaço para serem entrevistadas e valorizaram bastante terem sido alvo desta atenção mediática.

CONCLUSÕES

Apesar do aparente desinteresse demonstrado inicialmente pelas notícias, a nossa investigação permite-nos afirmar que as crianças e jovens são audiência frequente de telejornais em momentos de reunião familiar ao fim do dia ou em momentos de ócio. Vimos também que procuram informação de acordo com os seus interesses (principalmente sobre desporto, no caso dos rapazes, e sobre celebridades, no caso das raparigas), que possuem conhecimentos sobre o processo de produção noticiosa e que utilizam informações sobre factos noticiados para demonstrar sabedoria e maturidade perante os mais novos. Além disso, as suas curiosidade e preocupações sobre o mundo recaem fundamentalmente sobre temas noticiados, numa demonstração da capacidade de *agenda setting* (McCombs, 2006) dos *media* sobre as crianças e, especialmente, sobre os jovens deste estudo.

Enquanto sujeitos sociais, as crianças e jovens reagem de diferentes maneiras, de acordo com as suas aptidões e capacidades, às representações do discurso noticioso. No entanto, podemos concluir que a representação noticiosa do bairro, predominantemente negativa e percebida como a principal causadora da má imagem externa da comunidade, marca significativamente as construções identitárias do grupo estudado. Mesmo que prefiram outros conteúdos mediáticos em detrimento das notícias, estas crianças e jovens estão frequentemente expostos ao discurso noticioso, diretamente nas suas casas e indiretamente quando são confrontados na escola ou em outros ambientes com as informações divulgadas pelos telejornais ou por outros meios jornalísticos.

A visibilidade mediática do bairro onde vivem, fortemente ancorada em atributos negativos como o desvio e a violência, contribui para realçar o sentimento de medo e angústia, especialmente entre os mais novos, que revivem através dos *media* episódios violentos a que assistiram pessoalmente ou que vivenciaram de forma próxima. Contribui também para fortalecer, especialmente entre os mais velhos, uma identidade local bastante vincada,

um sentimento de desconfiança em relação aos *media* e a outros atores sociais externos à comunidade. Além disso, une a todos num desafio comum nos seus processos identitários: confrontar uma imagem estigmatizada, onde “nós” temos sempre de enfrentar a suspeição e transpor inúmeras barreiras para tentarmos estabelecer uma relação de igualdade com os “outros” e sermos reconhecidos como “pessoas normais”, dignas de respeito.

Com base nas pistas apontadas pela nossa investigação-ação, este reconhecimento identitário pode ser estimulado utilizando a comunicação em três vias: Os *media* e os seus conteúdos como objeto de reflexão junto das crianças e jovens; a produção de objetos comunicacionais pelas crianças e jovens, para serem divulgados em diversos suportes (vídeos, fotografias, textos etc); o fornecimento de subsídios de informação (Schlesinger, 1990, p. 70) para estimular os *media* a divulgarem enquadramentos positivos sobre estes territórios e populações, reconhecendo-as como vozes credíveis no debate social. Caminhos percorridos neste trabalho e que pretendemos aprofundar em futura investigação-ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. (2009), *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- AZEREDO, M. J. B. (2007), *A Representação da Delinquência Juvenil nos Media Noticiosos: Estudo de Caso do Público e Correio da Manhã (1993-2003)*. Dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- BECK, U. (1998), *Democracy without Enemies*, Cambridge, Polity Press.
- BENNET, W. L. (2007), *News – The Politics of Illusion*, Nova Iorque, Pearson Longman.
- BERGER, G. (2000), “Grave new world? Democratic journalism enters the global twenty-first century”. *Journalism Studies*, 1 (1), pp. 81-99.
- BUCKINGHAM, D. (2000), *The Making of Citizens: Young People, News and Politics*, Londres, Routledge.
- CARVALHO, M. J. L. et al. (2009), “Delinquência(s) e justiça: crianças e jovens em notícia”. In C. Ponte (ed.), *Crianças e Jovens em Notícia*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 81-102.
- CARVALHO, M. J. L. (2010), *Do Outro Lado da Cidade. Crianças, Socialização e Delinquência em Bairros de Realojamento*. Tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- COELHO, M. Z. (2009), “Jovens no discurso da imprensa portuguesa: um estudo exploratório”. *Análise Social*, 191, XLIV (2.º), pp. 361-377
- CORREIA, J. C. (2004), *Comunicação e Cidadania: Os Media e a Fragmentação do Espaço Público*, Lisboa, Livros Horizonte.
- CORREIA, J. C. (2007), “Identidades e realidades múltiplas. Os estranhos no meio de nós”. In J. Pissarra Esteves (org). *Comunicação e Identidades Sociais*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 131-155.

- CORSARO, W. (1997), *The Sociology of Childhood*, Thousand-Oaks-California, Pine Forge Press.
- DURHAM, E. (1984), "Movimentos sociais, a construção da cidadania". *Novos Estudos*, São Paulo, 2 (4), pp. 24-30.
- ERICSON *et al.* (1991), *Representing Order – Crime, Law and Justice in the News Media*, Toronto, University of Toronto Press.
- ESTEVES, A.I. (2004), *Imigração e Cidades: Geografias de Metrôpoles Multiétnicas – Lisboa e Washington DC*. Tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras/Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa.
- ESTEVES, J.P. (1999), *Os Media e a Questão da Identidade*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/pissarra-media-identidade.html>. [Consultado em 15-04-2012].
- ESTEVES, J.P. (2003), *Espaço Público e Democracia*, São Leopoldo/RS, Ed. Unisinos.
- ESTEVES, J.P. (2011), *Sociologia da Comunicação*, Lisboa, Fundação Gulbenkian.
- GAUNTLETT, D. (2002), *Media, Gender and Identity – An Introduction*, Londres, Routledge.
- GERBNER, G. (1994), "Reclaiming our cultural mythology". *Context*, 38, pp. 40-42.
- GOFFMAN, E. (1975), *Stigmatize: Les usages sociaux des handicapés*, Paris, Minit.
- GREENWOOD, D., LEVIN, M. (1998), *Introduction to Action Research*, Londres, Sage.
- HALL, S. *et al.* (1978), *Policing the Crisis – Mugging, the State, the Law and Order*, Nova Iorque, Palgrave MacMillan.
- HAMMARBERG, T. (1997), "Children, the UN convention and the media", *The International Journal of Children's Rights*, 5 (2), pp. 243-261.
- HANSEN *et al.* (1998), *Mass Communication Research Methods*, Nova Iorque, Palgrave.
- JAMES, A., PROUT, A. (org.) (1997), *Constructing and Reconstructing Childhood*, Londres e Nova Iorque, RoutledgeFalmer.
- LIVINGSTONE, S. (1998), "Mediated childhood: A comparative approach to young people's changing media environment in Europe". *European Journal of Communication*, 13 (4), pp. 435-456.
- MARÓPO, L. (2012), *Jornalismo e Direitos das Crianças – Conflitos e Oportunidades em Portugal e no Brasil*, Coimbra, Minerva Coimbra.
- MAYALL, B. (2002), *Towards a Sociology for Childhood – Thinking from Children's Lives*, Maidenhead (UK), Open University Press.
- MCCOMBS, M. (2006), *Estableciendo la Agenda – El Impacto de los Medios en la Opinión Pública y en el Conocimiento*, Barcelona, Paidós.
- MEIRINHO, D. (2013), "A fotografia participativa como ferramenta de reflexão identitária: estudo de caso com jovens em contextos de exclusão social no Brasil e em Portugal". Tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- PADILHA, B. (2011), "Recriando identidades juvenis entre jovens de descendência africana na Área Metropolitana de Lisboa". In J. Machado Pais *et al.* (orgs). *Jovens e Rumos*, Lisboa, ICS, pp. 159-180.
- PAIS, J.M. (2005), "Jovens e cidadania". *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 53-70.
- PEREIRA, A.P. (2005), *Imprensa e Imigração no Concelho de Loures*. Disponível em http://www.cm-loures.pt/doc/garse/Imprensa_imigracao.pdf [Consultado em 15-04-2012].
- PONTE, C. (2006), "Crianças em risco: O espaço latino-americano na imprensa portuguesa". *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2006)*, Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1329-1.pdf> (Consultado em 25-05-2012).

- PONTE, C. (2007), “Mudam-se os tempos, mudam-se as notícias? A cobertura jornalística de crianças no *Público* e *Diário de Notícias* em 2000 e 2005”. *Media & Jornalismo*, 11, pp. 51-72.
- PROUT, A. (2005), *The Future of Childhood*, Londres e Nova Iorque, Routledge Falmer.
- RAMOS, S., PAIVA, A. (2007), *Mídia e Violência*, Rio de Janeiro, IUPERJ.
- ROSA, G. P. (2011). “O ‘arrastão’ de Carcavelos como onda noticiosa”. *Análise Social*, 198, XLVI (1.º), pp. 115-135.
- SCHLESINGER, P. (1990), “Rethinking the sociology of journalism: source strategies and the limits of media-centrism”. In M. Ferguson (ed.), *Public Communication – The New Imperatives*, Londres, Sage, pp. 61-83.
- SCHUDSON, M. (2002), “The media as political institutions”. *Annual Review of Political Science*, 5, pp. 249-269.
- TAJFEL, H., TURNER, J. C. (1986), “The social identity theory of intergroup Relations. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations*”, Chicago (IL), Nelson-Hall, pp. 7-24.
- TRAQUINA, N. (2002), *O Que é Jornalismo*, Lisboa, Quimera.
- WOODWARD, K. (1997), *Identity and Difference – Culture, Media and Identities*, Londres, Sage Publications/The Open University.

Recebido a 04-07-2012. Aceite para publicação a 08-02-2013.

MARÔPO, L. (2014), “Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento”. *Análise Social*, 210, XLIX (1.º), pp. 104-127.

Lidia Marôpo » lidiamaropo@gmail.com » Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Autónoma de Lisboa » Rua de Santa Marta, n.º 47, 3.º andar — 1169-023 Lisboa, Portugal.
